A NEGAÇÃO DO PROFESSOR “NEUTRO”: OS REFLEXOS DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE NO EXERCÍCIO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Daiane Martins Rocha
Filosofia/UFSC

Uma questão que é ou deveria ser recorrente no processo de formação de professores é a de se uma pessoa deve ser “neutra” nas discussões em sala pelo simples fato de ser uma professora/professor, tomando a neutralidade como valor desejável nos temas debatidos nas discussões em sala. Mas o que é neutralidade? A neutralidade nesse contexto de sala de aula seria o professor discutir Filosofia Política, sem se posicionar em relação à política atual; falar de ética prática sem se posicionar e sem inferir que as defesas de filósofos como Peter Singer, podem nos levar a uma mudança de atitudes; falar no tema da morte sem revelar o que a própria professora ou professor pensa disso. Neutralidade, no contexto freireano, é visto como um “esconder-se” e privar os estudantes de um enfrentamento com posições diferentes das suas. A neutralidade não é, portanto, o oposto do doutrinamento, pois o que se contraporía ao mero ensino de conteúdos ou doutrinamento seria o ensino crítico, ou também chamado de educação para a cidadania. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é defender que para a formação de cidadãos em uma sociedade justa e democrática, o professor não deve ser neutro, e sim mostrar seus posicionamentos aos estudantes como forma de possibilitar a todos a oportunidade de se confrontar com uma posição diferente da sua e assim a pessoa pode se sentir instigada a construir argumentações mais sólidas que podem ou não condizer com a posição da pessoa que exerce a função e professor. Para essa investigação, será utilizada como fonte principal a obra *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, para quem a educação para a cidadania exigia do educador uma postura muito além de um ideal de neutralidade, visto que não se pretende formar cidadãos “neutros”, mas conscientes de seu meio e de suas possibilidades de transformar a sociedade em que vivem. Para corroborar essa postura, serão apresentados alguns exemplos práticos de sala de aula, vivenciados pelos estagiários e compartilhados sob a perspectiva de uma análise da condição do professor de Filosofia no Ensino Médio e a negação de uma suposta neutralidade não apenas como algo desejável, mas como também altamente recomendável. Por fim, serão feitas algumas considerações sobre a Educação após Auschwitz, fala do filósofo Theodor Adorno que corrobora a ideia de uma educação que não pode ser neutra, já que trata de valores vitais, como o de impedir que a barbárie de Auschwitz se repita. A educação tem um papel fortemente crítico da história, e portanto, não cabe, sobretudo nas aulas de Filosofia, que se busque essa postura neutra e imparcial do professor em relação aos problemas filosóficos. Segue-se que o posicionamento do professor de Filosofia, por mais polêmico que possa ser, deve servir de motivação para o debate entre a turma, sem que esse posicionamento seja considerado uma verdade inquestionável, mas que haja espaço para o diálogo, que é essencial não apenas nas aulas de Filosofia, mas no processo educativo em geral.

Palavras-chave: educação, cidadania, Paulo Freire.

Referências

- ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.